

AS TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DO JOVEM-ALUNO NA METRÓPOLE: um estudo da violência em escolas da periferia de Goiânia

PESSOA, Renata¹; **CHAVEIRO**, Eguimar Felício²

Palavras-chave: Escola, jovem, metrópole, violência urbana.

1.JUSTIFICATIVA/BASE TEÓRICA

Diversos autores afirmam que se vive, hoje, um período de crises que abarcam todos os âmbitos da vida, o social, o econômico, o ético etc, no qual as bases em que se assentava a sociedade moderna estão sendo questionadas, postas à prova. É uma crise sem proporções já que envolve o cerne da sociedade capitalista neoliberal – a obtenção da mais valia a qualquer custo. No contorno da crise, alteram-se as vivências do espaço. E abalam-se as identidades sociais e suas trajetórias.

Um momento de transição que não permite que se enxergue as implicações futuras coloca em cena a forma como o indivíduo se vê e como vê e se relaciona com o outro. Ou seja, a crise penetra a sociabilidade dos diferentes sujeitos. E isso é gritante no espaço metropolitano que, por sua vez, se irradia para a escola.

Desde os primórdios das sociedades o sujeito era visto e se via a partir do coletivo do qual fazia parte, não existia a noção de SER, de indivíduo dissociado de um grupo, a pessoa era vista a partir do coletivo do qual fazia parte, e agia em prol deste coletivo. Contudo com o surgimento do capitalismo, não só as relações de produção mudaram, alteraram-se também a maneira como as pessoas se relacionam. O ser humano deixa de visar o coletivo para ter em vista apenas o “eu”, torna-se um sujeito egocêntrico e egoísta, cuja única meta é satisfazer seus desejos, usando para tanto as armas que o capitalismo lhe oferece. Freire Costa (2000) denomina esse processo de “ética cínica”.

O foco dessa pesquisa é o sujeito fruto do processo histórico que culminou com a mercantilização e, portanto com a banalização de todas as esferas da vida humana, e que confluíu para a individualização do ser humano num processo de globalização do mundo. Trataremos aqui do indivíduo que cresce, se molda e cria a sua identidade dentro de uma sociedade cuja evolução chegou a um momento de transição, de destruições e novas, ou mesmo, re-construções.

Buscamos o descortinamento de quem é o jovem atual, o entendimento de quem é o ser que habita os bancos escolares do espaço metropolitano, que faz parte de uma juventude que se tornou ideologia, estilo de vida, símbolo de status e que o mercado e a mídia aliciaram, tornando a ao mesmo tempo produto e consumidor.

Em momento anterior constatamos que o jovem-aluno metropolitano é um indivíduo desreferencializado moralmente, que não entende o que é limite nem ao menos compreende a intensidade da consequência de seus atos, e que tem como valores o modismo e o consumismo pregado pelos meios de comunicação/massificação. É um sujeito ansioso, fragmentado, já que carrega em si as contradições inerentes ao seu tempo, e que possui uma mente ruidosa, o que não raro lhe causa angústias e certo distanciamento da realidade em que está inserido.

Percebemos também que o território de vivências, no caso o espaço urbano da metrópole de Goiânia, tem papel fundamental na dificuldade de construção identitária do jovem. A cidade por ser um espaço de grande circulação simbólica permite ao jovem conviver com inúmeros símbolos, ao mesmo tempo em que não lhe permiti consumir tudo o que vê.

O espaço urbano, símbolo da sociedade moderna, em particular é um local de contradições e de reprodução dessas contradições. O jovem cotidianamente se vê

violentado pela cidade, convivendo com realidades antagônicas, o rico versus o pobre, o que consome e o que apenas pode olhar pela vitrine. Para trabalharmos a violência utilizaremos o conceito de Viana (2004:29):

“Consideramos a violência como um fenômeno social caracterizado pela imposição – pela força física ou por qualquer outra forma de se constranger outro a aceitar algo indesejável ou prejudicial ao desenvolvimento natural do indivíduo ou grupo social – realizada por um indivíduo/grupo social a outro indivíduo/grupo social (Viana, 1999a). Desta forma, a violência é uma relação social de imposição”.

Podemos perceber então que o sujeito pode sofrer vários tipos de violência, a agressão física, a violência simbólica, econômica, institucional, etc. Em outra pesquisa onde também tratávamos do jovem da metrópole foi constatado que uma das maiores preocupações do jovem é a violência. No presente estudo trataremos a violência no âmbito espacial – e a sua relação com a escola, ou seja, falaremos de violência urbana, não somente a que o jovem sofre, mas também aquela que ele pratica na cidade. Segundo Viana (2004: 30-31):

“a violência urbana é uma forma específica de violência caracterizada por ser gerada pela própria organização do espaço urbano (Viana,2002b). O espaço urbano capitalista é marcado pela segregação espacial, pela desigualdade, por conflitos, por diversos problemas sociais (moradia, transporte, etc.) e expressa o domínio de uma classe social sobre outras, bem como todo um processo de exploração que se reproduz na divisão espacial”.

Na visão do autor o espaço metropolitano permite a existência e até acentua a violência em seu meio, já que é um local de segregação espacial e, portanto de exclusão social.

Contudo a violência que o jovem sofre é refletida na sociedade, e de forma especial no ambiente escolar, local onde passa uma parte do dia. O jovem-aluno violentado pelo sistema capitalista, leva a violência para dentro da escola, transpondo no espaço escolar o reflexo das situações de violência que vivencia. Ao ver-se excluído o jovem-aluno procura uma maneira de se contrapor ao sistema, assim a violência na escola passa a ser sua forma de protesto e de certa forma de inserção, já que não é respeitado por ser um ser humano impõe respeito através da violência.

São diversas as formas de violência praticada pelos alunos na escola, desde indisciplina ao jovem-aluno não fazer suas atividades, intimidar os colegas e até afrontar o professor, ficando com fama de valentão, até a burlar as regras da instituição escolar.

O conjunto de violências – perpetradas e recebidas - chega ao absurdo, já ocorridos no Brasil, como levar armas para a escola, e usá-las para “matar” o professor que o reprovou, ou o colega que riu dele. E mata porque a mídia (hoje transmissora dos contravalores da sociedade) trata o homicídio de forma banal, além do fato do jovem-aluno não ter referencial de humanização, não entende o valor do próximo, não o vê como um ser humano. Violentado o jovem-aluno da metrópole violenta os outros.

A estruturação da escola pública como fornecedora de certificados, produtora de mão-de-obra, que institui a competitividade característica do sistema capitalista dentro de seu espaço e, que como afirma Souza (2003) não tem um projeto educacional favorece a disseminação da violência em seu espaço.

2. OBJETIVOS

O que se pretende nesta pesquisa é investigar a trajetória do jovem-aluno atual no espaço urbano, que é um local de intenso tráfego simbólico e a relação entre o jovem-aluno metropolitano e a violência urbana.

3. METODOLOGIA

Através das problematizações suscitadas acerca da trajetória do jovem-aluno na metrópole e a relação deste com a violência urbana, a qual carrega consigo para o espaço escolar foram desenvolvidas várias atividades, a saber:

- Levantamento de fontes bibliográficas;
- Seleção dos materiais a serem lidos e analisados;
- Definição das categorias teóricas para governarem o trabalho;
- Elaboração de uma pauta metodológica em que se inclui: visitas as escolas-campo; elaboração de questionários; definição de roteiro de observação.

Com a leitura dos materiais selecionados percebemos ser necessária à ampliação do espaço da pesquisa em foco, ou seja, optamos por trabalhar com mais escolas para melhor referendarmos a pesquisa e observamos o fenômeno da violência urbana-escolar.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Em pesquisa realizada anteriormente, na qual buscávamos o descortinamento do perfil do jovem-aluno da metrópole goianiense constatamos que a violência é o problema com o qual mais se preocupam. No trabalho citado tratamos de forma sucinta o assunto, analisando algumas formas que a sociedade atual utiliza para violentar o jovem.

Dentre as diversas formas, nos chamaram atenção à violência informacional e a violência identitária, a primeira diz respeito ao ideal de jovem criado pelo mercado o qual não condiz com a realidade da maioria dos jovens; e a outra a quantidade de informações que são “vomitadas” a todo instante em cima dos jovens sem se quer muni-los de meios para assimilar e lidar com essa situação.

Sabemos que essas não são as únicas modalidades de violência presentes em nossa sociedade, entretanto essas informações foram de grande relevância já que suscitaram as indagações que deram origem a esta pesquisa. Assim questionamentos de como o jovem-aluno lida com as diversas formas de violência a que é sujeito e que também sujeita em seu cotidiano? quais as conseqüências/influências da violência urbana na sua construção como indivíduo? e, principalmente como o jovem-aluno carrega consigo essa violência para dentro do espaço escolar? é que vão nortear a pesquisa.

Antes de respondermos essas perguntas é preciso que entendamos o que é a violência, para tal utilizaremos o conceito de violência definido pela Organização Mundial de Saúde: “o uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” (KRUG, 2002). Esse é um conceito capaz de abranger todas as formas de violência presentes no mundo de hoje.

Entretanto, nosso recorte tem como *locus* da violência o espaço urbano, ou seja, trabalharemos com a violência urbana, a qual alguns autores afirmam, no Brasil, se confundir com a violência interpessoal, tipo de violência que se subdivide em duas categorias: violência da família e dos parceiros íntimos – a tão conhecida violência doméstica -, e a violência comunitária, que em geral ocorre fora de casa (violência juvenil, estupro ou agressão sexual por estranhos, a violência em grupos institucionais, locais de trabalho, prisões e asilos).

Ao pensarmos que os jovens-alunos se constroem em uma sociedade que o violenta a todo o instante não é de admirar que ele também se torne um sujeito da violência, e que ao ter como espaço de vivência a escola, na qual passa boa parte do dia ele perpetua na escola essa violência. Entretanto, Abramovay (2003) afirmam que a violência escolar não

esta ligada somente a (in)disciplina, mas a uma “intersecção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões)”.

5. CONCLUSÃO

Até o presente momento da pesquisa percebemos que a violência escolar expressa mais que problemas no sistema de ensino, expressa as contradições e desigualdades da sociedade globalizada, e que antes de ser uma questão educacional é uma questão social.

A partir das leituras já realizadas percebemos que a violência nas escolas é um fenômeno mundial, entretanto afirmam os estudiosos que as motivações que as causam podem variar de um país a outro. No caso brasileiro acredita-se que seja motivada especialmente pela desigualdade social, que se apresenta de diferentes formas no espaço urbano.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. *Violências nas escolas: versão resumida*/ Miriam Abramovay et alli. – Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRUG, E.G. *Relatório Mundial sobre Violência e Saúde*. Brasília: OMS/Opas/UNDP/ Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

SOUZA, Regina Magalhães de. *Escola e Juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

VIANA, Nildo. *A dinâmica da violência juvenil*. BookLink Publicações, 2004.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

1 Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/UFG. repensando@gmail.com

2 Orientador. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais /UFG. eguimar@hotmail.com